

**LITERATURA E
FORMAÇÃO HUMANA**

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP
Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP
Prof. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC
Prof. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp
Prof. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unesco/Unicamp
Prof. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas
Prof. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp
Prof. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS
Prof. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS
Prof. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp
Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR
Prof. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aviero
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Prof. Dra. Maria del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de La Educación/Granada
Prof. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho
Prof. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján
Prof. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata
Prof. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata

Jadir de Morais Pessoa
(Organizador)

**LITERATURA E
FORMAÇÃO HUMANA**

MERCADO®
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Literatura e formação humana / Jadir de Moraes Pessoa
(organizador). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2016.
(Série As Dimensões da Formação Humana)

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN: 978-85-7591-407-6

1. Educação – Finalidades e objetivos
2. Educação e literatura
3. Formação humana
4. Leitores – Formação
5. Leitura
6. Narrativas I. Pessoa, Jadir de Moraes II. Série.

16-00210

CDD-370.11

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura e formação humana :

Educação : Finalidades e objetivos 370.11

capa e gerência editorial : Vande Rotta Gomide
preparação os originais: Editora Mercado de Letras

AS DIMENSÕES DA FORMAÇÃO HUMANA
coordenação

Wanderson Ferreira Alves – Universidade Federal de Goiás
Sandra Valéria Limonta Rosa – Universidade Federal de Goiás

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 1 6

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO..... 7

Primeira parte

FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DA
PESQUISA EM LITERATURA E EDUCAÇÃO

TRAPACEIROS E INSURGENTES: CAMINHOS
DA PESQUISA EM LITERATURA E EDUCAÇÃO17
Jadir de Morais Pessoa

BOURDIEU E O CAMPO LITERÁRIO 43
Antonio Paulino de Sousa

LITERATURA À MODA RAYMOND WILLIAMS.71
José Adelson da Cruz

A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA:
EXPERIÊNCIA, LINGUAGEM E FORMAÇÃO 99
Cristóvão Giovani Burgarelli e Flávia Pignata Teófilo

SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E LITERATURA:
INTRINCADAS RELAÇÕES. 121
Micheline Madureira Lage

Segunda parte

FORMAÇÃO HUMANA EM NARRATIVAS

LUSO-BRASILEIRAS

LITERATURA: DA RELAÇÃO ENTRE SABERES SOCIAIS

PELAS LINHAS DE *LEVANTANDO DO CHÃO*143

Clêidna Aparecida de Lima e Jadir de Moraes Pessoa

ESCOLA: DO CONTO AO CAMPO167

Dagmar Dnalva da Silva Bezerra

A FORMAÇÃO DO LEITOR NA OBRA *A OSTRAS E O VENTO*

DE MOACIR COSTA LOPES185

Neisi Maria da Guia Silva

A ENXADA É PRÁXIS: A DIALÉTICA DO TRABALHO

NO CONTO DE BERNARDO ELIS 199

Álcio Crisóstomo Magalhães

SOBRE OS AUTORES 225

APRESENTAÇÃO

A literatura já vem há alguns bons anos instigando minhas leituras e reflexões no âmbito das ciências sociais. Especialmente no processo de doutoramento, concluído há cerca de duas décadas, este exercício foi fundamental para a compreensão dos sentidos da terra, para os trabalhadores, na transição entre uma agricultura tradicional e as ocupações de terras ociosas para a constituição de assentamentos rurais em Goiás. Do atendimento a essa necessidade a literatura passou imediatamente para a prática docente na graduação, na pós-graduação e em trabalhos de formação de agentes nos movimentos sociais – durante alguns anos no Movimento Sem Terra e, mais prolongadamente, na Pastoral da Terra. Em todas essas situações de ensinar e aprender a literatura tem sido pródiga, às vezes clareando o entendimento, mas, principalmente, endireitando as perguntas, dirigidas tanto aos textos teóricos quanto aos materiais da empiria.

Internamente, na Faculdade de Educação da UFG, ao mesmo tempo que expressa a existência e até a ampliação de um grupo de colegas igualmente partidários desta dimensão heurística da literatura, esta coletânea cumpre um importante papel de justificar e fundamentar esta perspectiva de trabalho, propiciando condições mais efetivas para a consolidação de um grupo e de experiências associadas de pesquisa. A participação, nesta coletânea, de Cristóvão Giovani Burgarelli e de José Adelson da Cruz, docentes da casa, expressa esse cenário em processo de consolidação. Esse

diálogo, entretanto, não se prende à instituição UFG. Os textos de Micheline Madureira Lage (IFG) e de Antônio Paulino de Sousa (UFMA) materializam o início desse intercâmbio em pesquisa.

O ponto de partida mais efetivo para o planejamento e execução desta coletânea é a disciplina *Literatura e formação humana* que passei a oferecer no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG, a partir de 2012, com o objetivo de possibilitar, àqueles alunos que se interessarem, condições de se somarem aos pesquisadores já mobilizados por esta preocupação. Alguns trabalhos de conclusão da disciplina foram selecionados e aprimorados e compõem a segunda parte da coletânea.

Os cinco textos que compõem a Primeira Parte, intitulada “Fundamentos epistemológicos da pesquisa em literatura e educação”, têm, no seu conjunto, o objetivo de propor um ponto de partida epistemológico para a reflexão sobre literatura e educação. O foco é a pesquisa nesse campo do conhecimento. Os textos foram buscados e escolhidos com esta finalidade. O que se pretende com esse conjunto de textos é oferecer aos pesquisadores interessados uma perspectiva teórico-epistemológica segura para os respectivos projetos de pesquisa. A indagação que motivou esta escolha é a contundente questão da relação entre o real e o ficcional na literatura.

O leitor verá que os textos desta Primeira Parte convergem para a constituição de uma base teórica, composta por três sistemas de análise norteadores: Pierre Bourdieu, Raymond Williams, e Walter Benjamin, que já comparecem em uma leitura prévia no Capítulo 1º e, depois, de forma mais adensada, são apresentados, nesta ordem, nos três capítulos subsequentes. Eles estão no centro de nossas reflexões não por serem as únicas âncoras teóricas possíveis para se desenvolver esta indagação. O que assumimos coletivamente é que com esses três sistemas de análise esta questão tem amplas possibilidades de ser abordada em profundidade. Também não há uma preocupação de cotejamento dos autores e respectivas epistemologias. Dialoga-se com cada um dos três autores com o intuito de se entender o seu respectivo modo de trabalho, sem que eles sejam submetidos a exercícios

de aproximações, confrontos ou interconexões. Outros autores como Bakhtin, Goldmann e Barthes têm também intervenções decisivas nesta coletânea e por isso são muitíssimo recomendados aos leitores. Mas não atuam nos textos com a mesma centralidade como atuam Bourdieu, Williams e Benjamin, como autores-chave na definição do objeto de estudo.

O primeiro texto, intitulado “Trapaceiros e insurgentes: caminhos da pesquisa em literatura e educação”, cumpre nesta primeira parte o dever de ofício, na condição de texto escrito pelo organizador da coletânea, de evidenciar a relação entre literatura e educação como objeto de pesquisa – quais os cuidados teóricos e metodológicos que não podem ser negligenciados nesse tratamento. Exemplos desses cuidados são a concepção de educação como formação humana e a consideração da literatura, a um só tempo, como expressão e como percepção da totalidade da vida humana.

Nesse sentido a abordagem da literatura como campo, nos termos de Bourdieu, é fundamental na orientação teórica assumida nesta primeira parte. A noção de campo literário deixa claro que se está falando de literatura como expressão das relações estabelecidas no espaço social, mas, que possui suas especificidades enquanto construção cultural. Uma postura imprescindível na pesquisa em literatura e educação é tratar a literatura como literatura e não como mero reflexo do real. É isso que faz o capítulo dois, sob o título “Bourdieu e o campo literário”, que ficou aos cuidados de Antonio Paulino de Sousa, para quem, tratar a literatura como campo é o postulado da garantia de autonomia metodológica necessária em qualquer estudo da literatura, o que significa tratá-la na sua especificidade.

No capítulo “Literatura à moda Raymond Williams”, José Adelson da Cruz mostra que a Nova Esquerda Britânica, nos anos 1950, nas suas relações com a tradição literária e no seu projeto intelectual de estudo da cultura popular e dos fenômenos da vida cotidiana, consagrou os Estudos Culturais como o grande projeto de refundação da relação entre cultura e sociedade. Um intenso combate dos Estudos Culturais foi em relação à crítica literária aristocrática, segundo a qual a obra literária paira acima

dos conflitos sociais e deve ser vista como fim em si mesma, pressupondo a cultura dissociada da sociedade, da economia, da ideologia e da história. No projeto de Williams, não se pode isolar o estudo da literatura do estudo de suas determinações e conexões sociais.

No quarto capítulo, intitulado “A leitura literária na escola: experiência, linguagem e formação”, Cristóvão Giovani Burgarelli e Flávia Pignata Teófilo, ao mesmo tempo que fecham com Benjamin a trilogia que marca as opções teóricas desta coletânea, discutem a possibilidade de se trabalhar com a literatura na escola, com a condição de que isso signifique uma experiência simbólica, prática da letra e estética da linguagem. Ancoram-se nos conceitos de experiência e de narrativa, ambos desgastados no contexto de desumanização do século XX. Esvaziada de experiência e de narrativa, a literatura entra na escola como instrumentalização – o uso da literatura *para*. Em contraposição a essa instrumentalização, os autores terminam relançando a questão ao leitor, mas defendem outra postura da escola: no ir fazendo é preciso deixar a literatura nos ensinar.

Fechando esta primeira parte, o texto de Micheline Madureira Lage, “Sociedade, educação e literatura: intrincadas relações”, retoma a discussão da crise da universidade, que é a crise da educação, que compreende, por sua fragmentação, a crise da leitura. A autora defende que nesse quadro de crise é preciso haver um entrelaçamento entre a literatura e a educação. Ou seja, a literatura é imprescindível na formação humana, só ela é capaz de, ao veicular experiências singulares, possibilitar um olhar e um conhecimento mais profundos acerca da realidade humana nas suas múltiplas dimensões.

Os textos da segunda parte, ao mesmo tempo em que repercutem a motivação para a preparação desta coletânea, a implantação de um componente curricular no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG, *Literatura e formação humana*, tem como objetivo colocar em prática uma perspectiva epistemológica para se tratar da relação entre educação e literatura, ancorada na compreensão etimológica da palavra método – “seguindo

um caminho” – conforme se explicita no capítulo 1º. Os textos de mestrandos e doutorandos foram selecionados exatamente por expressarem um bom exercício nessa direção – como tratar um texto literário, considerando-o nas suas dimensões reais e ficcionais, e falando de formação do humano.

Clêidna Aparecida de Lima e Jadir de Morais Pessoa abrem a segunda parte da coletânea com o texto “Literatura: da relação entre saberes sociais pelas linhas de *Levantado do Chão*”, abordando um romance de José Saramago, de profundas marcas históricas da região do Alentejo em Portugal – paisagem constituída de amores, conflitos, mortes, sacrifícios, fome, vitórias, nascimentos e transformações. Tomando de empréstimo a ideia de Barthes de que “ler é desejar a obra” os autores entendem que a leitura da narrativa em foco aguça anseios de mais aprender no jogo das relações interinstitucionais – família, religião, estado – e das relações inter geracionais. A literatura é essencialmente comunicação entre saberes.

Em seguida, no texto “Escola: do conto ao campo”, Dagmar Dnalva da Silva Bezerra, aborda uma narrativa curta de Machado de Assiz, intitulada “Conto de escola”. Os elementos centrais do texto de Dagmar são o campo educativo e o campo literário. Seguindo o mesmo horizonte da segunda parte da coletânea, “Conto de escola” é visto como tratando da relação humana, da formação do caráter, da formação moral do jovem, que é agente do espaço social, pois, para a autora, a eficácia de uma obra é exatamente a de fazermos transcender a nossa individualidade. O conto machadiano conduz a uma transcendência. A história de Pilar não é somente a sua história, é o enredo de muitos jovens estudantes do Brasil Império e, guardadas as devidas diferenças, também do Brasil contemporâneo.

Neisi Maria da Guia Silva apresenta em “A formação do leitor na obra *A ostra e o vento* de Moacir Costa Lopes”, como já o indica o título, uma discussão com certa particularidade, embora, mantendo a perspectiva predominante na coletânea, de que o social influencia a obra e é influenciado por ela. Além do mais, o que o romance analisado traz de experiência concreta de ensinar

e aprender, a alfabetização da personagem Marcela, segundo Neisi Silva nada tem a ver com transmissão de conhecimento e sim com a criação da vida. Ou seja, o conhecimento transforma a vida do ser, a ponto de este poder criar a sua própria vida. O que mais Marcela aprendeu com Daniel foi o desejo de aprender. No mais, seus grandes aprendizados se deram observando as gaivotas e observando o vento; aprendeu a criar histórias, diferentes e além das que aprendera nos livros.

Completando a coletânea, Alcio Crisóstomo Magalhães aborda mais um texto de ficção curta, sendo este do imortal goiano Bernardo Élis. Trata-se da narrativa mais conhecida do realismo do escritor de Corumbá de Goiás. A análise de Alcio Magalhães se intitula “A enxada é praxis: a dialética do trabalho no conto de Bernardo Elis”. A tese deste último capítulo é a de que o escritor, ao contar “revela como a literatura se faz práxis, ou seja, como escritor, obra e leitor interagem formando e transformando a existência”. Supriano em sua singularidade é universal, parece a história de um indivíduo, mas que poderia ser de outro homem, de outra mulher, em qualquer lugar ou país em que o trabalho de outrem seja usado como fonte de valor. É isso que explica o processo de formação e transformação do mundo moderno. Por isso, também, que “a obra se expressa como transcendência no tempo e no espaço, como educação permeada pelo ideal de formação na perspectiva da dialética da suspensão”.

O leitor que chegar ao último texto vai se deparar também com um momento ímpar em que Alcio Magalhães constrói, dentro da narrativa de Bernardo Élis, um diálogo entre Hegel e Marx, ponto em questão o velho dilema da ideia que funda o real ou do real que funda a ideia. Este *insight* dá bem a medida do que esperamos se possa concluir do encadeamento desta coletânea de textos: a obra literária, quanto maior é seu valor propriamente literário, mais ela possibilita que encontremos entre personagens e diálogos, grandes questões teóricas, sobre as quais, grandes baluartes do pensamento social, de ontem e de hoje, já se debruçaram e continuam se debruçando. A grande arte literária é transcendente não apenas no sentido do tempo e do espaço vividos pelos personagens,

como, também, nas reflexões consciente ou inconscientemente entabuladas pelo autor.

No seu todo, portanto, marcos teóricos primordiais e narrativas literárias fortes se conjugam em um único objetivo: incluir nessa grande construção do pensamento social a pergunta pelos componentes e condicionamentos dos processos de formação do humano profundo, que acontece com e contra a escola, no seio ou às margens de outras instituições que sempre despertaram a atenção e ao mesmo tempo a suspeita dos sociólogos, como a família, a religião, o estado. Nós os autores que assinamos os textos que se sucedem estamos nesse debate, muito mais aprendendo que ensinando. E assim esperamos prosseguir.

O organizador